



Universidade Federal
de São João del-Rei



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
NEAD – NÚCLEO DE ENSINO A DISTÂNCIA
CURSO DE MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Creusa Luciane Brinqui

**O USO DAS MÍDIAS IMPRESSAS EM SALA DE AULA COMO FERRAMENTA DE
APRENDIZAGEM**

São João del-Rei

2019

Creusa Luciane Brinqui

O uso das mídias impressas em sala de aula como ferramenta de aprendizagem

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, apresentado como requisito para obtenção do título de Especialização em Mídias na Educação, sob a orientação da Prof^a. Dra. Roseli Marins Balestra.

São João del-Rei

2019

Creusa Luciane Brinqui

O uso das mídias impressas em sala de aula como ferramenta de aprendizagem

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, apresentado como requisito para obtenção do título de Especialização em Mídias na Educação, sob a orientação da Prof^a. Dra. Roseli Marins Balestra.

Prof.^a. Dra. Roseli Marins Balestra – Orientadora
UFSJ

Prof. Dr. Alexandre Carlos Eduardo
UFSJ

Prof.^a Ma. Elisabete da Silva Dutra
UFSJ

RESUMO

O uso da melhor metodologia no processo de ensino-aprendizagem é uma busca frequente e problemática atual para os educadores e diferentes agentes públicos e privados que atuam na área. Por um lado, as mídias digitais surgem como uma inovação oportuna, entretanto, muitas vezes apresentadas como uma solução ideal para a crise na educação constatada nos índices de evasão e baixo desempenho nas avaliações diagnósticas. Neste mesmo cenário, repetidas vezes, as mídias tradicionais, entre elas as impressas, são percebidas como anacrônicas e com frequência são responsabilizadas pelo atual cenário de crise na educação. A reflexão que se estabelece é evitar os extremos, ou seja, não somente a inovação sem a crítica e os cuidados devidos, tampouco somente a mídia tradicional como uma âncora que impede o necessário avanço metodológico. Um trabalho com todas as formas de mídias, impressas, eletrônicas e digitais, indica um caminho mais dilatado na preparação das crianças no sentido de interpretar e assimilar a realidade circundante. Nisto, o trabalho físico, social e afetivo com mídias não digitais favorece o desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo, de forma compartilhada, real e física, ensejando uma relação humanizada ao invés de uma virtualização excessiva nas relações entre as crianças e delas com a sociedade.

Palavras-chave: Tecnologia. Mídias impressas. Livro. Educação.

ABSTRACT

The use of the best methodology in the teaching-learning process is a frequent and problematic search for educators and different public and private agents who work in the area. On the one hand, digital media emerges as a timely innovation, however, often presented as an ideal solution to the education crisis noted in the rates of dropout and low performance in diagnostic assessments. In this same scenario, traditional media, including print media, are often perceived as anachronistic and are often blamed for the current crisis in education. The reflection that is established is to avoid the extremes, that is, not only the innovation without the criticism and the necessary care, nor only the traditional media as an anchor that hinders the necessary methodological advance. A work with all forms of printed, electronic and digital media indicates a broader path in the preparation of children in order to interpret and assimilate the surrounding reality. In this, the physical, social and affective work with non-digital media favors the motor, affective and cognitive development, in a shared, real and physical way, giving a humanized relationship instead of an excessive virtualization in the relations between the children and of them with the society.

Keywords: Technology. Printed media. Book. Education.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Desenvolvimento. Mídia e Educação	12
2.1 Os Tipos de Mídias	14
2.2 A criança e a mídia	15
3. A importância da leitura.....	17
3.1 Definição do que é leitura	18
3.2 Tipos de leitura.....	20
4. A leitura nas escolas. Incentivo e necessidade	24
5. Considerações finais	27
Referências	28

1. Introdução

Em plena Revolução Digital muitos questionamentos se apresentam, principalmente na área da educação, especificamente, na educação infantil, “debate-se muito sobre quais seriam as vantagens e as desvantagens da tecnologia, bem como sua efetividade” (FLORIAN, 2011, p. 3). Um deles, tratando-se da alfabetização e letramento, busca conciliar os meios tecnológicos com os meios tradicionais (impressos), tornando-os atrativos e acessíveis no processo de ensino-aprendizagem (GHELLER, 2012). Tratando-se da educação de crianças, é importante o cuidado e a devida inserção de elementos tecnológicos na vivência da criança com os saberes bem como a construção dos mesmos.

Dessa forma é importante que as mídias utilizadas na educação infantil venham ao encontro da formação da criança. A educação infantil deve priorizar o desenvolvimento integral da criança e os aspectos do cuidar, do educar e também do brincar, já que esta é uma etapa importante na vida dos “pequeninos”, levando-se em conta ainda o contexto aonde a criança está inserida, ou seja, o meio social, a família e a escola (SOUZA, 2015, p. 16).

Alguns podem considerar a tecnologia (na educação chamada de aprendizagem ubíqua) como substituta integral das mídias impressas, utilizando argumentos sobre a novidade, dinamicidade, conectividade e até mesmo ambientais (o não uso do papel) (SANTAELLA, 2010). Todavia, o contexto social onde uma criança crescerá e se desenvolverá, ainda, no século XXI, oferece uma multifacetada disposição de formas de mídia que a criança deverá compreender e decodificar. Não se deve, a pretexto de inovar, não mediar o acesso as variadas formas de informação que ainda existem na sociedade contemporânea. Assim, percebe-se como importante o trabalho com as mídias tradicionais como jornais, livros, cartilhas, revistas, gibis, etc. Este pensamento vai de acordo aos Parâmetros Curriculares Nacionais, que indica a importância de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (BRASIL, 1997, p. 5).

Outro fator importante e que não deve ser desconsiderado é ainda a pouca compreensão do efeito que o uso da tecnologia digital tem na educação infantil (TORRES, 2016). Assume-se, em princípio, que o efeito é similar ou até mesmo melhor do que outros métodos, mas é um assumir empírico. Tomando por base que há dados negativos sobre a tecnologia, como o crescente vício em jogos eletrônicos

e dependência das redes sociais, cabe a mesma suspeita ou reflexão quando efetua-se uma metodologia educacional apenas centrada na tecnologia sem apresentar ou levar em consideração outros meios.

Como podemos perceber, o uso indiscriminado da tecnologia e o acesso livre à internet na infância podem causar diversos impactos no desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo da criança. A desconstrução dos laços familiares, o comprometimento do desempenho escolar, a dependência e incapacidade de lidar com frustrações e o aumento da ansiedade são alguns dos exemplos. Manter o diálogo com as crianças, explicando os motivos pelos quais é preciso ter cautela e esclarecendo suas dúvidas, pode evitar muitos contratempos. É preciso estabelecer regras e combinados para não ocorrer exageros na hora de utilizar os dispositivos eletrônicos e acessar a internet. Mas fica uma questão: será que os pais e familiares também não estão gastando muito tempo nestes dispositivos e deixando de lado os momentos de interação com as famílias? O exemplo é a maior fonte de aprendizagem (TORRES, 2016, p. 1).

Ainda assim, aqui não se trata de apologia ao tradicionalismo ou condenação enfática ao uso das mais recentes tecnologias, trata-se de refletir sobre o uso das mesmas na educação infantil.

O próprio contexto social aponta que há uma crise na educação, crise que exige novas metodologias, uma nova forma de educar em sintonia com as dinâmicas socioculturais (CURY, 2010). Havendo de fato uma crise, reflete ela em sistemas ou metodologias que já não funcionam mais ou não são aplicadas de forma correta. Enseja então, inovações metodológicas. A tecnologia surge como resposta imediata a questão, e não deveria ser de outra forma, visto que a dinâmica social assume a tecnologia em vários momentos na vida do cidadão (desde as redes sociais passando por serviços bancários e públicos). É inegável, a escola não pode isolar-se frente as mudanças sociais, tornando-se uma instituição anacrônica.

Tampouco, o que se argumenta aqui, é tecer crenças que tudo o que foi utilizado antes é ruim e basta isto para que o novo torne-se bom automaticamente. É de um raciocínio raso e preocupante, “a tecnologia não é uma panaceia para a reforma de ensino” (DINIZ, 2001, p. 2) Qualquer metodologia nova deve também ser assumida e desenvolvida questionando-se seus efeitos, como se fez e faz até o momento com as metodologias tradicionais.

Encontrará a criança, na adolescência ou vida adulta, formas de mídia de diferentes tipos. Livros não digitalizados, pesquisa em jornais e revistas antigos, bulas de remédios, bilhetes, gravações em pedra, madeira ou metal, e uma série de outras

formas de estilos e formatos de texto que precisarão serem decodificados e interpretados.

A linguagem brevíssima dos serviços de mensagens digitais, ou nas redes sociais, bem como dados sobre o desempenho dos alunos em provas de redação (VIGGIANO; MATTOS, 2013), ou até mesmo a prática docente, refletem que há alguma coisa com o novo que pode não estar disponibilizando ao aluno uma bagagem e repertório (de estilo e vocabulário) suficientes para desenvolverem e expressarem seus pensamentos. Espíndola (2015, p. 2) aponta como desvantagens da linguagem virtual “o empobrecimento e o uso incorreto da língua”, “problemas de escrita” na escola e no ambiente profissional, bem como “dificuldades e desinteresse pela norma culta da língua portuguesa.” Estas situações devem ser analisadas. Fora a metodologia de alfabetização e letramento falha? A crença que a tecnologia por si mesma (sem um desenvolvimento e trabalho pedagógico) é boa? Talvez nem um e nem outro, talvez, a falta de compreensão é que o saber não exclui automaticamente o passado, mas desenvolve-se por meio dele, e inova-se a partir dele mesmo. Silva (2009, p. 72) entende que o conhecimento se “constitui numa tomada de posição diante da continuidade/descontinuidade.” É preocupante perceber linhas pedagógicas que assumem os novos “falares” das redes sociais ou serviços de mensagens eletrônicas como válidos por si mesmos, apenas por serem “novos” e tecnológicos, e porque não se deve agir com “preconceito” com as novas formas de se comunicar. Barros (2019, p.1) acredita que a linguagem das redes sociais “não é vantajosa”, pois as crianças e jovens “vão perdendo as formas padrões da ortografia, que podem ficar comprometidas pela falta de contato com a grafia correta.” Isto tudo são provocações verdadeiramente genuínas. Todavia, não se deve agir de forma restritiva (em nome da busca por um padrão correto) sobre a liberdade criativa de construir o conhecimento, e este, inovar as relações.

Ressalta-se que tais reflexões não são, sobretudo, um saudosismo aos velhos instrumentos midiáticos (impressos) em detrimento da necessária evolução metodológica nas escolas (a mídia digital). Entretanto, inegável é, ao ver os números que a crise no cenário da educação apresenta, que a educação infantil e até mesmo o ensino fundamental falham em empoderar as crianças e jovens no domínio de diferentes formas de comunicar, interpretar e analisar o contexto sociocultural em que vivem (GUSMÃO, 2010).

A neurolinguística oferece informações e provocações sobre a forma de comunicação. Acredita ela que a forma como o ser humano se comunica geralmente expressa a forma como ele pensa. O que isto quer dizer? Que expressamos exteriormente aquilo que via de regra desenvolvemos interiormente. Neste pensamento podemos concluir que a forma com que uma criança expressa e interpreta o mundo está vinculada à sua capacidade cognitiva e afetiva de assimilar e apreender a realidade (MORATO, 2014). Macedo (2005, p. 33) argumenta que a “relação destas duas modalidades de linguagem está sempre presente de tal forma que é difícil saber em que momento uma termina para a outra começar.” Isto também é um pensamento perturbador, pois quando uma criança é desprovida do sentido analítico e interpretativo ao ter contato com até mesmo um livro didático ou um bilhete de escola, não se pode assumir que sua linguagem “digital” o fará com pleno potencial.

A situação atual é oportuna para apresentar estes questionamentos. Já abordou-se a crise no cenário educacional como um motivador necessário e urgente na reflexão das metodologias utilizadas na sala de aula. Outro fator não menos importante, que tem forte lastro com o processo de educação e interpretação da realidade, é o aumento, justamente nas redes sociais de discursos de ódio (racismo, xenofobia, preconceito).

Entretanto, apesar do mundo virtual servir como mecanismo privilegiado de projeção do ser humano, tal qual um espelho, ele também virtualmente reflete os aspectos pouco promissores da realidade palpável. Pois, através da rede, o homem comete ilícitos, propaga mensagens de conteúdo prejudicial, viola direitos fundamentais dos demais usuários, ou seja, dissemina discursos de ódio [...] (KRAWCZAK; SANTOS, 2017, p. 6).

Além do surgimento (o que na verdade não é uma coisa nova) de uma “modalidade” de texto (ou linguagem) na esfera digital conhecido como *fake news* (notícias falsas). As *fake news* são notícias ou informações não verídicas criadas com o propósito de disseminar falsa informação sobre pessoas ou ideias. Propagam-se na mesma velocidade que as mídias digitais o fazem. Muitas destas falsas notícias, mesmo para um leitor pouco cuidado, são incoerentes por si mesmas. Todavia, a falta de estrutura analítica e interpretativa das crianças e jovens, futuros adultos, permitem que verdadeiras torrentes de informações sem fundamento propaguem-se imediatamente em todos os veículos de informação.

Outrossim, a preocupação com a autonomia na liberdade de expressão não se centra apenas na figura do “falante”, alcançando também, com a mesma intensidade, a pessoa do “ouvinte”. De fato, embora seja importante o acesso do indivíduo a temáticas diversas, para que cada um possa desenvolver livremente a sua personalidade e convicções, não há como defender a liberdade de expressão como direito absoluto e a consequente postura totalmente abstenseísta do Estado (BALEM, 2017, p. 5).

Saindo das notícias falsas, situações como a defesa da terra plana, defendida vorazmente como verdadeiras por seus seguidores, sugerem que há algo de errado com as metodologias que são utilizadas para apresentar, analisar e compreender a realidade de mundo das crianças. A questão da Terra plana é apresentada aqui como exemplo, pois sua esfericidade não se baseia em crença ou opção de visão do mundo, é verdade científica inquestionável (SILVEIRA, 2017). Se hoje as crianças questionam verdades científicas por um “achismo” ou “modismo” digital, é possível imaginar o dano quando novos “influenciadores” começarem a questionar a força da gravidade ao saltar do último andar de um edifício. Basta ver os “jogos” suicidas que se disseminaram nas redes sociais nos últimos tempos (HENICK *et. al.*, 2017).

O objetivo deste trabalho, por meio de pesquisa bibliográfica sobre o tema do uso das mídias impressas na sala de aula, será por meio dos questionamentos já apresentados nesta introdução sobre a importância das mídias digitais e o uso combinado das mídias tradicionais impressas, refletindo sobre a importância destas últimas como formas de diversificação de materiais didáticos, e extensão da capilaridade interpretativa das crianças no contexto sociocultural. Nesta linha, apresentar-se-á a importância do uso de jornais, livros e revistas na sala de aula. Mas não apenas um utilizar, e sim, juntamente com as mídias digitais, dotar as crianças de uma capacidade crítica e analítica de cada meio, formato, linguagem e seus usos.

2. Desenvolvimento. Mídia e Educação

Notadamente há uma mudança tecnológica que trespassa todos os segmentos sociais e a forma de ser e fazer, alterando paradigmas em todas as esferas. Na educação, a Revolução Digital também se apresenta como uma realidade urgente, que deve ser considerada criticamente e assimilada pedagogicamente nos processos de ensino e aprendizagem.

Todavia, como ressaltado no início deste trabalho, não se deve proceder a substituição das metodologias atuais apenas por fazê-lo, sem antes uma consideração crítica acerca dos novos processos e revisão (ou ressignificação) dos processos atuais. Nisto, cabe entender que a sala de aula não se limita mais a lousa, giz, mesas, cadeiras e paredes, sendo o processo de aprender um exclusivo nos intramuros escolares. A internet estendeu os horizontes educacionais, cabe a sabedoria de utilizar-se deste novo panorama positivamente.

A internet é uma ferramenta que permite inúmeras possibilidades de tornar a didática mais envolvente e assimilativa. Ela contém mecanismos que contribuem para captar a atenção do aluno de uma forma mais aguda e conseqüentemente aumentar as chances de um aprendizado de sucesso (MONTEIRO, 2019, p.1).

A rede mundial de computadores, uma inovação inventiva do século XX, permite que estudantes e educadores tornem a dinâmica de aprender (até mesmo em suas diferentes formas), um processo no qual a teoria e prática podem ser praticadas concomitantemente. Isto, com certeza, auxilia na forma com que o estudante relaciona e constrói sua percepção da realidade. Garcia (2010, p. 1) considera a Internet como “a mais completa, abrangente e complexa ferramenta de aprendizado do mundo”.

Entretanto, até mesmo a internet não pode ser considerada uma panaceia que resolverá todos os problemas da educação, bem como a crença que a tecnologia, por si só, basta para melhorar todas as metodologias de ensino (SALCITO, 2015). Há também problemas com seu uso que devem ser levados em consideração no processo de ensino-aprendizagem.

O aluno tem propensão à dispersão, perde muito tempo, abre muitas páginas ao mesmo tempo, nem todas páginas que você quer, muitas que você não quer ao mesmo tempo, faz um hipertexto de navegação muito curioso, dispersivo e confuso, ao menos para um adulto. Confunde também quantidade com qualidade, quantidade de páginas com conhecimento (o mesmo processo de sempre, só que a Internet o torna mais visível). Um outro problema é o deslumbramento dos jovens pelas imagens e sons. De um lado é uma qualidade, porque eles têm uma aguda percepção da linguagem audiovisual, mas de outro lado ficam babando pelos sites que têm animações, banners, muitas cores e não olham para o conteúdo, a qualidade dos artigos. Há sites muito ricos, que eu não consigo esgotar e que os alunos demoram dois minutos, pois afirmam que já viram tudo... Outro complicador é o alto grau de consumismo de muitos jovens: consomem rapidamente a informação e sempre procuram algo novo, diferente, o que os torna superficiais, rápidos, “antenados” e dispersivos. O conhecimento se dá pela troca, pelo intercâmbio, pela interação, mas também pela interiorização, pela reflexão pessoal, pela capacidade de reorganizar pessoalmente o que percebemos fora. E para muitos, atentos ao navegar, torna-se difícil mergulhar em si mesmos (MORAN, 2001, p. 14).

A civilização tem uma considerável herança histórica que se traduz em numerosas formas de expressão, entre elas as diferentes formas de texto hoje existentes. O estudante, da infância a vida adulta, encontrará diferentes formas de comunicação que deve decodificar. É tarefa da escola permitir que cada aluno possa interagir de forma plena e crítica com o mundo que o cerca (SANTOS; SILVEIRA, 2016). Há perigos ao centralizar-se apenas em uma fonte no educar, ou seja, seria estreito por demais utilizar apenas os meios digitais como fonte exclusiva na busca de conhecimentos e informações. Tanto o professor quanto o aluno, devem estar preparados para o correto manejo desta ferramenta, e jamais, submeter-se a ela como sendo a mesma um oráculo onde todo o saber e verdade se encontram. Rodrigues (2011, p. 9), considera que “conquistar o direito de usar uma ferramenta, mas não saber como a utilizar não reflete nenhuma evolução”.

O emaranhado de informações contidas na internet ao mesmo tempo que pode disseminar um rico conhecimento, pode transmitir também informações inverossímeis. Dessa forma, pelo fato da internet ser uma ferramenta extremamente abrangente, o seu uso requer orientação. A filtragem de informações deve ser estratégica. Antes de considerar um conteúdo como viável de ser usado, pesquise em mais fontes. Sempre busque fontes com boa procedência e que sejam reconhecidas. Evite perder tempo com dados repetidos, banalidades, publicidade e coisas inúteis (MONTEIRO, 2019, p. 2).

Como se pode ter tal controle ou filtragem em se tratando das mídias digitais no processo de ensino-aprendizagem? Uma opção genuína, apresentada no decorrer das análises neste trabalho é justamente a manutenção do contato com outros meios de comunicação e informação, ou seja, outras mídias que não apenas as digitais, mas, em paralelo (e combinadas) as mesmas.

2.1 Os Tipos de Mídias

Basicamente podemos dividir as mídias utilizadas na educação em três grupos: a impressa, a eletrônica e a digital (MONTEIRO, 2019).

A mídia impressa é a que pode ser chamada de clássica ou tradicional, composta de toda informação impressa (desenhada, marcada ou pintada) fisicamente em algum meio como o papel, por exemplo. Temos nesta categoria os livros impressos que ainda resistem na sociedade contemporânea, todavia apresentando declínio ano após ano nas vendas (REY, 2009). Há as revistas e jornais, gibis (mangás, quadrinhos). Há os folhetos, *banners*, *outdoors*, cartazes, bulas de remédio, anotações, recados, avisos, documentos (leis, portarias, editais, memorandos, atas). Também a arte escrita (em murais, paredes) pode ser considerada uma mídia impressa (na parede ou em uma tela) que juntamente com as outras formas de mídia impressa, tem a intenção de comunicar algo, transmitir informação.

A mídia eletrônica pode ser considerada como uma forma (veículo) de comunicação que utilizará um dispositivo elétrico-eletrônico como plataforma base de comunicação. Exemplos são as rádios (FM, AM), a televisão aberta, o cinema, discos de vinil, antigas fitas K7 ou formas magnéticas de registrar e transmitir uma informação, *CDs*, *DVDs*, *Blue-Ray*.

A mídia digital tem por base a interação ou parametrização da informação utilizando-se a internet ou intranet como forma de conectar dispositivos e acessar o conteúdo no momento em que se deseja, ou até mesmo, evitar determinados conteúdos. A grande diferença entre a mídia eletrônica e a mídia digital é o poder de interação do usuário na mesma. A primeira, via de regra, já vem em um formato pronto e definido, cabendo o usuário passivamente utilizá-la ou não. Na forma digital, há um processo mais amplo de utilização do meio, ou seja, o usuário pode associar diferentes fontes de informação, gravar, duplicar, pausar, editar, bloquear. O meio digital, via Internet, utiliza-se de celulares *smartphones*, *notebooks*, *tablets*, computadores *desktop*, televisões digitais (*smart tv*) e qualquer outro veículo que acesse informações permitindo a parametrização das mesmas pelo usuário.

Mesmo qualquer tipo de mídia sendo usada amplamente, ou em declínio, ainda no presente século são encontradas com frequência e cada uma tem a sua intencionalidade e potencialidade em transmitir uma ideia ou visão de mundo. E é

justamente na variação e combinação das diferentes fontes de informação que se pode estabelecer paralelos críticos apelando não só ao cognitivo, mas ao afetivo-sensorial. A razão deste argumento está em que o manejo ainda de livros e quadros, bem como a pintura e confecção de desenhos, como o manejo de objetos e artefatos antigos de comunicação, envolve outros processos sensoriais que o digital ainda não oferece, como o tato e o olfato.

Para os profissionais, uma aula será muito mais eficiente se expor os alunos a estímulos sensoriais diversos, como tatear o objeto de estudo, ouvir o som que ele pode produzir. Ou então sentir o cheiro, a textura e até mesmo o gosto de algumas plantas durante as aulas de ciências. Essas são algumas dicas práticas que o professor pode utilizar em sala de aula (CRUZ, 2015, p. 1).

Como já dito não se trata de um saudosismo melancólico ou uma negação do uso da inovação tecnológica, e sim, fundamentalmente, permitir que o aluno viva e navegue em uma realidade midiática diversificada, podendo comparar e ter mais de uma fonte de informação sobre o mundo.

2.2A criança e a mídia

A diversificação das mídias na educação “têm um papel fundamental de proporcionar uma aprendizagem significativa partindo das vivências da criança, instigando a criatividade e a curiosidade (CARPES *et. al.*, 2014, p. 2). Os diferentes tipos de mídia, e suas diferentes realidades e usos, alargam capacidades cognitivas, afetivas e motoras, tornando a assimilação e construção do saber algo diversificado e não delimitado apenas na tela de um dispositivo ou isolado nas páginas de um livro, estabelecendo-se como novos desafios para a integração humana e tecnológica “do sensorial, emocional, racional e do ético; do presencial e do virtual; de integração da escola com o trabalho e a vida” (SILVA, 2012, p. 14).

Neste contexto, é preciso que o educador atribua sentido aos equipamentos em seu trabalho, e não esqueça que as mídias devem ser utilizadas para ampliar o conhecimento da criança, procurando estabelecer uma relação entre a criança e o meio, possibilitando que a aprendizagem ocorra de uma forma envolvente e motivadora, despertando o interesse da criança (CARPES *et. al.*, 2014, p. 2).

É importante a compreensão que na educação infantil existe a necessidade da fusão das atividades lúdicas com as pedagógicas, ou seja, utilizar o lúdico e o artístico como um objetivo pedagógico, e não apenas entretenimento ou ocupar o tempo com atividades desconexas (SANTOS, 2010). A variedade de mídias (livro, papel, tela, sons, pinturas, internet) tem a capacidade de permitir a interação construtiva da

criança no aprender, pois poderá ela fazer parte do processo assumindo uma postura ativa.

A criança é curiosa e investigadora, por isso não deve receber nada pronto, deve ser instigada a questionar, discutir e escolher para então atribuir significados aos objetos que as cercam. É através das atividades lúdicas que ela terá oportunidade de configurar estas relações, tornando-as significativas. Diante disso, as escolas de Educação Infantil, devem oportunizar as crianças o acesso aos diferentes recursos tecnológicos, para que possam desfrutar de outras formas de aprendizagem, relacionados ao seu cotidiano (CARPES, *et. al.*, 2014, p. 3).

Em um contexto onde ainda estão presentes ódios raciais e culturais e a disseminação de falsas informações, faz-se necessário que a Internet seja um instrumento usado com criticidade e como já dito, em paralelo com outros meios (MORAN, 1997). Meios estes, como as formas de mídia impressa e eletrônica, que necessitam um manejo físico, um contato. Este contato físico na mídia digital é virtualizado, promovendo muitas vezes atividades online onde as pessoas (alunos) não tem um contato e convivência física. Neste sentido, as outras mídias não digitais, permitem o manejo coletivo, físico e presencial, onde é possível o contato e convivência com diferentes alunos, permitindo a construção do sentido de alteridade e respeito as diferenças necessárias à vida em sociedade.

A assimilação da criança pelos objetos em relação ao seu destino difere dos animais, como por exemplo, do macaco que ao sentir sede, irá beber água na xícara, no balde, no chão, não se depreendendo ao fato de que a xícara é utilizada para beber algo, se ela estiver vazia vai utiliza-la para várias coisas também. A criança, portanto, assimila o significado permanente do objeto (DUARTE; BATISTA, 2015, p. 296).

Não se diz aqui que os meios digitais impossibilitam a atribuição de significados, se diz apenas que na educação infantil, pela característica própria da mesma (em seu desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo), o uso de materiais onde a criança pode tocar, cuidar, compartilhar, errar, refazer e sobretudo, construir e m conjunto com outras crianças (de forma lúdica), permite que o outro (o seu colega) seja alguém como ele, e não uma imagem (ou pior ainda, um avatar¹) que existe na tela de um dispositivo. E é na educação infantil, etapa importantíssima na formação da pessoa social e política, que a convivência e o entendimento em relação as diferenças deve ser construído.

¹ Na informática e Internet, o Avatar é uma representação digital de si mesmo, idealizada.

A escola deve retratar e ajudar na construção da diversidade, sendo as mídias diversas uma possibilidade onde a criança “vai desenvolvendo as suas conexões cerebrais, os seus roteiros mentais, emocionais e suas linguagens” (GHELLER, 2012, p. 23).

3. A importância da leitura

Atualmente, entre os envolvidos com as metodologias empregadas na educar, existe a percepção que o incentivo à leitura em sala de aula é extremamente importante na tarefa de ensino-aprendizagem.

A linguagem surge quando as fronteiras de convivência dos agrupamentos humanos se expandem, e a necessidade de conviver e se relacionar tornam-se necessárias para a evolução e o desenvolvimento pessoal e coletivo.

É por meio da comunicação que a pessoa correlaciona o seu pensamento e seus conhecimentos, tornando ambos importantes para a apreensão sensorial e racional do mundo, assim, na educação, é a partir da história que se conta que a criança passa a construir um mundo de imaginação, criatividade e conhecimento.

Quando as crianças ouvem histórias, passam a analisar de forma mais clara, sentimentos que tem em relação ao mundo. É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. Sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p. 43).

Na era do Iluminismo, forte ênfase fora dada ao poder da razão e ao conhecimento (PISSURNO, 2019). Ali percebe-se o movimento histórico de transição e avanço no entendimento sobre o que se percebia como conhecimento e sua importância naquele momento histórico. Por meio da Enciclopédia (1751-1772), também é possível perceber a necessidade de estruturação de um código ou conjunto de conhecimento universalmente válidos para estruturar uma possível linguagem comum em relação ao mundo. O Iluminismo aqui serve de exemplo para a necessidade de um conjunto de valores, códigos e estruturas de conhecimento para a construção de uma comunicação social. Conforme os estudos da Linguística Clássica, todos os falantes de uma mesma comunidade falam a mesma língua, há uma idealização do sujeito.

Para Orlandi (1999, p. 20) “O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam.” Nisto, a construção e ressignificação do eu pela linguagem é um agir em contínua construção. O eu se faz e se refaz, direta e indiretamente, bem como a sua forma de se relacionar com o conhecimento, decodifica-lo e vivenciá-lo.

Ele pertence a um espaço coletivo, não é alienado pelo que se passa ao redor, e sim, participa ativamente dessa sociedade. O sujeito não ocupa uma posição central na formação do discurso, não possui uma identidade fixa e estável, pode ser modificado pelo meio, o sujeito é constituído por vários “eus”.

Orlandi (1999) analisa a concepção de sujeito em três etapas. A primeira fase refere-se às relações interacionais entre o eu e o tu. A segunda etapa ocorre quando o tu determina o que o eu diz, como exemplo cita os discursos políticos. Por fim, a terceira fase, o sujeito ele só estará completo com a figura do outro, o centro da relação não será o eu ou tu, mas sim, no espaço discursivo determinado por ambos.

Para Franco (2012) o que caracteriza o sujeito é a incompletude, sendo assim, existe a necessidade de outro, cujo caminho possível para a relação de ambos se realiza pela comunicação verbal. A construção do sujeito realiza-se pelo seu discurso, um discurso que é uma construção de discursos nascido da relação eu-outro.

O lugar de onde ele fala influencia diretamente seu discurso, pois não se diz qualquer coisa no espaço de representação social.

A competência discursiva materializa-se, então, na compreensão do funcionamento e na produção dos diferentes discursos que circulam na sociedade, cada qual construído com diferentes mecanismos, cuja apropriação permite ao aluno transformar-se em sujeito do seu texto e não mero repetidor de ideias. Na modalidade escrita, essa competência manifesta-se na dimensão textual, que representa a apropriação dos recursos e mecanismos linguístico-discursivos próprios à construção de cada gênero discursivo: o discurso se constitui em texto e somente nessa dimensão pode ser apre(e)ndido (PETRONI, 2019, p. 1).

A construção do eu enquanto discurso é uma construção de nós enquanto discurso, que há uma interiorização dos discursos no eu, que se constrói, se consolida e se transforma continuamente nesta relação social. O aluno, em contato com o vários discursos e linguagens, possui elementos favoráveis a construção e consolidação da sua própria linguagem e discurso.

3.1 Definição do que é leitura

Ler é uma observação de um mundo em representação, um mundo construído, não necessariamente real, mas compilado a partir de discursos e paradigmas. Como processo, é decodificar um ou vários discursos todos eles, ou sua maioria, pertencentes ou não ao sujeito que os apreende. Este “ler” o mundo é uma apropriação de diferentes discursos.

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo (LEFFA, 1996. p. 9).

A leitura torna-se a apropriação de uma realidade espelhada no discurso, na obra, na imagem, na exteriorização de qualquer tipo que chega aos sentidos do leitor.

Esse parece ser principalmente o caso da leitura de uma obra literária, que pode implicar não apenas reflexos de reflexos, mas verdadeiros encadeamentos de reflexos. Na leitura de um poema, por exemplo, um determinado segmento da realidade (um dos possíveis significados do poema) pode ser refletido através de vários espelhos até chegar à percepção do leitor (LEFFA, 1996. p. 9).

O leitor, nesta apreensão da realidade ou apropriação do mundo, o faz pela visão, como o primeiro passo deste processo. Antes de assumir ou possuir um texto ou discurso, ele o vê. Vendo-o, há todo um conjunto de respostas mentais (que incluem tanto o racional quanto o emotivo), o que vai de encontro a simples crença que ler é apenas uma decodificação dos símbolos linguísticos um por vez. O que o leitor processa da página escrita lhe dá uma base para aceitação ou não do que vê.

Ler envolve o mistério da brincadeira, do riso, da imaginação, da descoberta, da compreensão do mundo, da identificação, que nos permite resolver conflitos, que nos causa sensações. Ler é ouvir, ver e sentir, é uma tarefa que requer envolvimento por parte de quem lê e daquele que escreve o que será lido. A leitura demanda muito mais que o simples gesto de “deslizar os olhos” sobre as letras, tornando-se uma prática complexa de conhecimento e aprendizagem. E quando se fala em leitura é esta abordagem que deve ser salientada, como uma prática criadora e criativa (SOUZA, 2009, p. 25).

Sendo a leitura uma primordialidade importante para o conviver e o evoluir social, entende-se também a sua necessidade para a construção da participação crítica do leitor em seu ambiente social. É de suma importância esta capacidade crítica na interação social, e na construção da identidade do sujeito, principalmente a do aluno. Nos mais variados discursos sociais, a capacidade de leitura acompanhada

pelo elemento crítico de aceitação, não aceitação, alteração permite a construção de uma sociedade mais igualitária no sentido de interpretação e apropriação da realidade. Fomentar a leitura na escola, não é apenas permitir que o aluno entenda um livro, mas que entenda a si mesmo dentro da realidade em que vive. Este entendimento, ampliando ao longo do tempo, lhe dará a capacidade de construção de seus próprios discursos.

Entendendo ler como “ver” o mundo, também pode-se julgar que as diferenciadas linguagens existentes (ou formas de comunicação) devem ingressar na escola como ferramentas ou subsídios no processo de leitura. Veja-se a comparação entre a leitura e a música como exemplo destas múltiplas convergências de linguagens.

Todo texto literário é uma partitura musical. As palavras são as notas. Se aquele que lê é um artista, se ele domina a técnica, se ele surfa sobre as palavras, se ele está possuído pelo texto – a beleza acontece. E o texto se apossa do corpo de quem ouve. Mas se aquele que lê não domina a técnica, se ele luta com as palavras, se ele não desliza sobre elas – a leitura não produz prazer: queremos que ela termine logo. Assim, quem ensina a ler, isto é, aquele que lê para que seus alunos tenham prazer no texto, tem que ser um artista. Só deveria ler aquele que está possuído pelo texto que lê. Por isso eu acho que deveria ser estabelecida em nossas escolas a prática de concertos de leitura (ALVES, 2002, p. 43-44).

Soares (1998) acredita na necessidade da formação de indivíduos letrados, ou seja, uma expansão que vai além da fronteira da alfabetização. Não basta apenas saber ler ou escrever, ou saber falar para que seja minimamente compreendido. Em uma realidade com múltiplas linguagens, faz-se necessária um domínio das letras em forma de construção e criação, para que o exercício da cidadania nas esferas sociais, políticas e econômicas seja pleno (SOARES, 1998).

3.2 Tipos de leitura

Martins (1984) descreve quatro tipos de leitura: a sensorial, a emocional, a intelectual e a racional.

A leitura sensorial

Botini e Farago (2014) indicam que a base referencial, ou ponto de partida para a leitura sensorial são os sentidos humanos, a visão, o tato, o olfato, o paladar e a audição. Este tipo de leitura entrelaçada em entre os sentidos (memorial e sensorial)

oferece um registro durável e bem consolidado pelo seu potencial de assimilação cognitiva. Como, a título de exemplo, a leitura de um livro, a mesma vem acompanhada por uma série de estímulos sensoriais que tornam a experiência de leitura um processo que vai além do simples visualizar palavras e entender a estruturação lógica do texto. Tais estímulos relacionam-se como a forma do livro, seu formato, onde este livro foi comprado, adquirido ou emprestado (ou de quem), a capa ou ilustrações, o lugar da leitura, sons, ruídos, luminosidade, postura corporal, etc.

Tal processo sensorial, emaranhado em um conjunto de sentimentos e sensações e, potencializado em atividades lúdicas e didáticas, pode oferecer ao aluno que inicia sua descoberta no mundo da leitura um envolvimento maior e prazeroso com o ato de ler. Muitas vezes culpam-se os alunos pelo desinteresse a leitura, todavia, este mesmo interesse não foi devidamente despertado ou cultivado, sendo apresentado como uma obrigatoriedade, algo que se deve fazer.

A proposta da leitura sensorial é permitir que o aluno relacione outros sentidos com aquela leitura, e isto pode ser feito por meio de brincadeiras, músicas, gostos e sensações (até mesmo replicando sensações que o livro possa descrever).

A leitura emocional

Sousa (2014) descreve a leitura emocional como uma leitura onde o sentimento (subjetivo) tem a primazia no processo. É uma leitura por gosto, um ler por prazer, o que pode ser considerado por muitos como um processo valorativo menor. Este ler por prazer é o ler aquilo que deleita, algo que já está relacionado a vida, aos gostos, preferencias e curiosidade previamente instigadas.

Também é uma leitura cuja recordação tem uma longa duração, pois já é iniciada com a vontade e o gosto (desejo) de fazê-lo. Este tipo de leitura já pré-dispõe o leitor a aceitar as novidades ou diferenças que o texto possa apresentar, ampliando sua bagagem cultural e visão de mundo. Já que tal leitura é feita pelo gozo do momento, ele não possui, muitas vezes por parte do leitor, objetivos secundários ou metas a serem atingidas. Não é uma leitura para “saber” mais, ou porque tenho que fazê-lo. Descompromissada e espontânea, pode se tornar um lenitivo a problemas que o leitor enfrenta, distração para determinado momento ou uma “terapia” básica para criar momentos de descanso e relaxamento. É por isto que muitos percebem a leitura emocional como de valor menor, pois não se trata da visão “cultura” do ato de ler,

e sim, um mero passatempo que pode não oferecer uma “instrução”. Todavia, aponta-se que também a leitura por gosto, por prazer, orientada a realidade da sala de aula, pode ajudar no processo de trabalhar com livros junto aos alunos.

Não é possível negar que cada aluno traz à escola parte de seu mundo, sua identidade, seu eu, sua cultura e valores. Muitas vezes tais valores não estão associados ao que é considerado (dentro de uma normatividade regular) de “cultura” ou estudo. Ainda assim, é a partir desta realidade (casa, família, amigos, parentes, igreja, vizinhos) que poderá haver elementos que serão utilizados para despertar a curiosidade pela leitura. Elementos, como além dos já citados, como o gosto ou o carinho pela mascote, ou sobre os heróis do cinema ou televisão, sobre a roupa e o tipo de música, sobre a profissão de pessoas próximas à criança e que ela admira, etc.

A leitura intelectual

A leitura intelectual (SOUSA, 2014) é a visão clássica da leitura, ou pelo menos, como muita gente a observa ainda hoje. A leitura para aprender, erudita e elitizada, fria, objetiva e distanciada muitas vezes dos sentimentos e emoções. A interação leitor-livro é distante. Muitas vezes tal leitura é aquela técnica, de bulas e manuais, ou de projetos, e a encontramos em alguns materiais didáticos. Um texto sequenciado logicamente que descreve tais processos e situações que apresentam o leitor uma informação que o mesmo deve assimilar.

Ainda que tal leitura tenha o seu valor e necessidade, e será muitas vezes utilizada pelo aluno em vários momentos dentro e fora da vida escolar, acredita-se que tal texto não serve ao propósito de despertar o gosto pela leitura dentro da sala de aula, de forma inicial. Tampouco tal tipo de leitura deve ser excluída, porque percebe-se que nela há elementos de transições entre os tipos de leitura na vida do aluno, onde em determinado momento imperará a leitura sensorial, depois emotiva, e em outro momento, a intelectual.

Obviamente que todo tipo de leitura serve a um propósito, mesmo a leitura intelectual tem seu propósito informativo, acumulativo e técnico necessário para uma ampla formação leitora do aluno.

A leitura racional

Para Sousa (2014) a leitura é reflexiva, objetiva, dinâmica, atualizada e referencial. É a relação imediata entre o leitor e o texto, dentro de seu interesse. Tal tipo de leitura pode ser caracterizada no uso do dicionário, de um texto sobre um ponto específico de interesse ou matéria de jornal e revista. É a leitura complemento, ou seja, o sujeito precisa e quer ler para complementar ou esclarecer determinado ponto de interesse naquele momento. Diferente da leitura racional, que há um distanciamento entre leitor e texto, a leitura racional permite o estabelecimento de uma ponte entre os dois. Não é um mero passatempo, ou uma leitura necessariamente prazerosa, todavia é incentivada pela vontade de expandir determinado ponto.

Tal leitura será despertada de modo natural uma vez que o gosto ou o prazer de ler exista, haverá a necessidade de esclarecimentos por determinados pontos das histórias onde o leitor por si procurará outras fontes apenas para entender melhor os contextos que um outro tipo de leitura o provocou.

4. A leitura nas escolas. Incentivo e necessidade

Quando se fala de incentivar a leitura dentro da realidade escolar, pode-se conceber a Biblioteca ou a Sala de Leitura como um centro de desenvolvimento e fomento da prática da leitura, e não simplesmente um depósito de livros como muitas vezes é percebida pelos alunos.

Para Meireles (1984, p. 49) “as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com as vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas.” Ou seja, a biblioteca já foi um centro vivo e dinâmico onde o conhecimento era sentido, manifestado e construído. Tal como uma casa ou um templo, ali celebrava-se e festejava-se o saber como algo a ser vivenciado, possuído.

A Biblioteca já foi percebida, por muitas gerações, como um “templo” do saber, ainda que em uma visão erudita e intelectualizada da mesma. Neste encontro do leitor como o mundo das letras, também foi palco de convívio social, trocas de impressões, amizades, romances. O tempo passou, as gerações foram cada qual tendo seu conjunto de valores e paradigmas. A própria sociedade em sua frenética corrida tecnológica e por novidades instantâneas muitas vezes relegou o tempo dedicado a leitura como um tempo que não era possível perder. Entretanto, mesmo com tanta tecnologia, a leitura existe, todavia, o momento relação leitor e texto tem sido pouco cultivado.

Sobre as Bibliotecas ou Salas de Leitura, no caso do poder público, ou por falta de recurso, manutenção ou atualização, tais espaços na escola foram se perdendo ou até mesmo substituídos por jogos e vídeos. Não há como negar que a escola deve se abrir para as novas tecnologias existentes, porém, isto não deve significar que o tempo destinado a leitura é um tempo perdido, e que as novas gerações não encontrem prazer no ato de ler. Talvez o momento seja de atualizar estes espaços para que se relacionem com a realidade contemporânea, assim, poderão ser chamativos, convidativos, interessantes e dinâmicos.

Em um espaço de leitura pode haver, além da leitura, arte, poesia, brincadeira, conversas, debates, etc. Seria um processo de deixar que o espaço de leitura seja associado pelos alunos como uma parte da escola onde também se aprendem e

acontecem coisas “legais” e interessantes, do que apenas sentar e ler o livro indicado pelo professor.

Nada de muito extraordinário precisa ser feito, ou que necessite de um recurso elevado por parte da escola. Mas pequenas alterações, no dia a dia, podem permitir que o leitor (o aluno, a criança) tenha a atividade de leitura relacionada como algo importante para ele. Assim, além do professor, a próprio livro surgirá como mediador no processo do conhecimento, onde o leitor fará suas descobertas que devem ser valorizadas no processo de ensino-aprendizagem.

Ler, ler sozinhos, ler em voz alta, falar sobre o que se leu, pintar o que se leu, comparar, gostar, não gostar. São estratégias que podem transformar a leitura em um processo dinâmico, e interessante.

Para Solé (1998), as crianças constroem conhecimentos relevantes a respeito da leitura e da escrita e, se tiverem oportunidade, se alguém for capaz de se situar no nível desses conhecimentos para apresentar-lhes desafios ajustados, poderão ir construindo outros novos.

A importância da leitura feita por outros reside em que contribui para familiarizar a criança com a estrutura do texto escrito e com a linguagem, cujas características de formalidade e descontextualização as distinguem da oral. Por outro lado, a criança pode assistir muito precocemente ao modelo de um especialista lendo e pode participar de diversas formas de tarefa de leitura (olhando gravuras, relacionando-as com o que se lê, formulando e respondendo perguntas, etc.) assim constrói-se paulatinamente a ideia de que o escritor diz coisas e que pode ser divertido e agradável conhecê-las, isto é saber ler (SOLÉ, 1998, p. 55).

Ainda segundo Solé (1998), as estratégias ensinadas devem permitir que o aluno planeje a tarefa geral de sua leitura, auxiliando no processo de formação de leitores autônomos, tornando-os capazes de enfrentar, de forma inteligente, os diversos tipos de textos, que, na maioria das vezes, podem ser considerados difíceis por não fazerem parte da sua realidade, ou por terem sido mal escritos e por não serem nada criativos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), se o objetivo da escola é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes tipos de textos com os quais se deparam no decorrer de suas vidas, seja no ambiente escolar ou fora dele, torna-se necessário que a atividade de leitura tenha sentido para o aluno.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (BRASIL, 1997, p.58).

Cabe ao educador estimular o aluno a ter o desejo pela leitura, trabalhando de diversas formas e usando diversas estratégias, colocando-se na condição de parceiro e servindo como modelo, passando segurança, de maneira que o aluno veja no professor o perfil de um bom leitor e perceba a importância da leitura na vida do indivíduo, seja na escola ou fora dela. Portanto:

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura -, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a —aprender fazendo. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (BRASIL, 1997, p.58).

Para Góis (2012) a escola tem o dever de ensinar e motivar o aluno para o conhecimento, isto também é válido para o hábito da leitura. Não há utopia em acreditar que todos os alunos irão assimilar o hábito de ler de forma homogênea, todavia a escola não pode se furtar desta tarefa, pois a constituição de indivíduos letrados dentro da sociedade é seu dever. Este dever de “formar” ou de estimular o desejo de aprender é uma tarefa onde também a família e a sociedade desempenham um papel importante. Sozinha a escola não pode tudo, pode muito, mas não o suficiente quando em casa não há reflexos do gosto de aprender nem os estímulos para continuar aprendendo.

A leitura é um pórtico que abre passagem para universos diferentes. Todavia, como abordado anteriormente, a percepção de cada leitura vai depender da leitura de mundo de cada indivíduo (FREIRE, 1989). Essa percepção varia de acordo com a visão global do mundo que o leitor está inserido.

5. Considerações finais

O uso das mídias na educação infantil não pode ser considerado um confronto de metodologias ou exaltações de qualquer tipo. Sobretudo, deve ser um esforço combinado de propostas e modelos na busca do aprendizado real, concreto, efetivo, afetivo, crítico, libertador e de qualidade.

As metodologias clássicas ainda muito utilizadas (livro, papel, escrita, pintura) muitas vezes são apresentadas como anacrônicas, desestimulantes e que não falam a “linguagem” do aluno. Assim, logo são apresentadas como causas no fracasso escolar e prontamente devem ser minimizadas ou em posições extremas, evitadas. Por outro lado, o novo, a tecnologia personificada nas mídias digitais, podem ser apresentadas por alguns como a grande solução para despertar a curiosidade e a vontade das crianças no processo de aprendizagem.

Todavia, o consenso pode ser o melhor caminho nas discussões apresentadas acima. A ressignificação das metodologias já utilizadas e o trabalho paralelo com as novas tecnologias poderá permitir um processo de ensino amplo no sentido do contato do aluno com diferentes formas de mídia, permitindo assim a habilidade de decodificar as diferentes formas e modelos de comunicação existentes na sociedade.

Sobretudo, mais que uma diversidade no trabalho com mídias, busca-se evitar a virtualização excessiva das relações humanas no trabalho concentrado apenas em um modelo digital. Por meio de atividades lúdicas (esportivas e artísticas) o contato com meios físicos também propicia a interação física entre as crianças, e este contato ajudará a construir desdobramentos de convivência que combaterão a frieza do mundo digital, promovendo a convivência baseada na alteridade e respeito real, em exercício contínuo dentro da sala de aula.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Campinas: Papyrus, 2002.

BALEM, Isadora Forgiarini. **O impacto das fakenews e o fomento dos discursos de ódio na sociedade em rede: a contribuição da liberdade de expressão na consolidação democrática**. 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, Santa Maria, 2017. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/1-12.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

BARROS, Jussara de. **O Internetês e a Ortografia**. Portal Brasil Escola. 2019. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/educacao/o-internetes-ortografia.htm>> Acesso: 10, jan. 2019.

BOTINI, Gleise Aparecida Lenhaverde; FARAGO, Alessandra Corrêa. **Formação do leitor: papel da família e da escola**. Revistas cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, v. 1, n. 1, p. 44-57, 2014. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014073856.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Temas Transversais. Secretaria da Educação Fundamental, Ministério da Educação, Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

CARPES, Shana Francesca Nascimento; GARCÊS, Solange BreatrizBilling; FELIX, Rosane Rodrigues. **O uso das mídias na educação infantil como processo de construção da cidadania**. XVI Seminário Internacional de Educação no Mercosul. 2014. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2014/DIREITO%20A%20EDUCACAO/ARTIGO/ARTIGO%20-%20O%20USO%20DAS%20MIDIAS%20NA%20EDUCACAO%20INFANTIL%20COMO%20PROCESSO%20DE%20CONSTRUCAO%20DA%20CIDADANIA.PDF>> Acesso: 10, jan. 2019.

CRUZ, Bruna Souza. **Para aprender melhor é preciso usar todos os sentidos, dizem especialistas**. Portal UOL Educação, 2015. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/07/02/para-aprender-melhor-e-preciso-usar-todos-os-sentidos-dizem-especialistas.htm>> Acesso: 10, jan. 2019.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e crise: perspectivas para o Brasil**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1089-1098, out./dez., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/02.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

DINIZ, Sirley Nogueira de Faria. **O uso das novas tecnologias em sala de aula.** 2001. 186 f. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Dissertação (Especialização em Engenharia de Produção). Disponível em: <http://www.pucrs.br/ciencias/viali/doutorado/ptic/aulas/aula_2/187071.pdf> Acesso: 10, jan. 2019.

DUARTE, Bruna da Silva; BATISTA, Cleide Vitor Mussini. **Desenvolvimento infantil: importância das Atividades Operacionais na Educação Infantil.** XVI Semana da Educação, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/DESENVOLVIMENTO%20INFANTIL.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

ESPÍNDOLA, Nicólli Cesconetto. **A Linguagem Virtual: uma “discuçaum” sobre o uso do “internetes”!** Portal Observatório de Redes Sociais. 2015. Disponível em: <<http://observatorioderedessociais.blogspot.com/2015/11/alinguagem-virtual-uma-discucaum-sobre.html>> Acesso: 10, jan. 2019.

FLORIAN, Digo Pablos. **Educação, Tecnologia e Sociedade: um debate sobre as possibilidades das novas mídias no âmbito escolar.** 2011. Universidade Estadual de Londrina, Textos. Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/lenpes/pages/arquivos/VI-SS-Sociologia/trabalhos/textos/TEXT0%2011%20-%20DIOGO.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

FRANCO, Andreia Ferreira. **A Linguagem da propaganda e seus recursos estilísticos em revista direcionada a adolescentes.** 2012. Portal TCC Online. Disponível em: <<http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/06/A-LINGUAGEM-DA-PROPAGANDA-E-SEUS-RECURSOS-ESTILISTICOS-EM-REVISTA-DIRECIONADA-A-ADOLESCENTES.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1997.

GARCIA, Paulo Sérgio. **A Internet como nova mídia na educação.** Portal Dia a Dia Educação. Secretaria da Educação, Paraná. 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EAD/NOVAMIDIA.PDF> Acesso: 10, jan. 2019.

GHELLER, Sheila. **Uso integrado de mídias na educação infantil.** 2012. 47 f. Universidade Federal do rio Grande do Sul, Curso de Especialização em Mídias na Educação. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação). Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102840/000921096.pdf?sequenc e=1>> Acesso: 10, jan. 2019.

GÓIS, Luciana Ribeiro dos Santos. **O ensino da leitura nas escolas de Ensino Fundamental II.** 2012. 52 f. Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Monografia (Licenciatura em Letras). Disponível em:

<<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/3488/2/TCC%20Luciana.pdf>> Acesso em: 10, jan. 2019.

GUSMÃO, Joana Borges Buarque de. **Qualidade da educação no Brasil: consenso e diversidade de significados**. 2010. 180 f. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. Dissertação (Mestrado em Educação). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22062010-135357/publico/JOANA_BORGES_BUARQUE_DE_GUSMAO.pdf> Acesso: 10, jan. 2019.

HENICK, Angélica Cristina; ESQUIVEL, Carla Liliane; FELL, Elizângela Treméa; BORNANCIN, Luciane Conceição. **Aspectos Pedagógicos e Jurídicos acerca do jogo virtual “Baleia Azul”**. EDUCERE, XIII Congresso nacional de Educação, 2017. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24195_11912.pdf> Acesso: 10, jan. 2019.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra – D.C. Luzzato, 1996.

KRAWCZAK, Kaoanne Wolf; SANTOS, Juliana Oliveira. **Mais amor, por favor: o discurso de ódio nas redes sociais e a conseqüente violência contra transexuais**. 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, Santa Maria, 2017. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/1-1.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

MACEDO, Heloísa de Oliveira. **O processo de refacção textual na linguagem escrita de sujeitos afásicos**. 2005. 227 f. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Tese (Doutorado em Linguística). Disponível em: <https://www4.iel.unicamp.br/projetos/cogites/pdf/td_macedo01.pdf> Acesso: 10, jan. 2019.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MONTEIRO, Victor. **A importância de utilizar as mídias na educação**. Portal Centro de Produções Técnicas, 2019. Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-metodologia-de-ensino/artigos/a-importancia-de-utilizar-as-midias-na-educacao2>> Acesso: 10, jan. 2019.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a internet na educação**. Revista Ciência da Informação, v. 26, n. 2, mai./ago., 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-5.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

MORAN, José Manuel. **Novos desafios na educação: a Internet na educação presencial e virtual**. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/novos.pdf> Acesso: 10, jan. 2019.

MORATO, Edwiges Maria. **Contribuições da Neurolinguística para a linguística aplicada – e vice-versa**. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 8, n. 10, p. 293-314, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/download/8364/5937>> Acesso: 10, jan. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PETRONI, Maria Rosa. **Gêneros do discurso: linguagem e interação na leitura e escrita**. 2019. Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem, Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao01/materialdidatico_generosdodiscurso.htm> Acesso: 10, jan. 2019.

PISSURNO, Fernanda Paixão. **Iluminismo**. 2019. Portal InfoEscola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/iluminismo/>> Acesso: 10, jan. 2019.

REY, Luiz Roberto Saviani. **Jornal impresso e pós-modernidade: o Projeto Ruth Clarck e a espetacularização da notícia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Artigos. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/JORNAL%20IMPRESSO%20E%20POS-MODERNIDADE.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

RODRIGUES, Cleonice da Silva. **A utilização da internet em sala de aula na escola Carlos Huguene**. 2011. 37 f. Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Computação. Monografia (Especialização em Informática na Educação). Disponível em: <<http://www.ic.ufmt.br/sites/default/files/field/pdf/Monografia/CleoniceRodrigues.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

SALCITO, Anthony. **A tecnologia não resolve tudo na educação**. Portal Revista Exame, Entrevista. 2015. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/revista-exame/a-tecnologia-nao-resolve-tudo-na-educacao/>> Acesso: 10, jan. 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal?** Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 17-22, 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/article/viewFile/3852/2515>> Acesso: 10, jan. 2019.

SANTOS, Simone Cardoso dos. **A importância do lúdico no processo de ensino aprendizagem**. 2010. 50 f. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação. Monografia (Especialização em Gestão Educacional). Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/393/Santos_Simone_Cardoso_dos.pdf> Acesso: 10, jan. 2019.

SANTOS, Suzelei Alves dos; SILVEIRA, Marcelo. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Volume I. Secretaria da Educação,

Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_uel_suzeleialvesdossantos.pdf> Acesso: 10, jan. 2019.

SILVA, Adriana Pozzani La Vielle e. **Os processos de continuidade/ruptura de paradigmas na reformulação do saber científico: um olhar discursivo**. 2009. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, IX Semana de Letras. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/com/Adriana_Pozzani_de_La_Vielle_e_Silva.pdf> Acesso: 10, jan. 2019.

SILVA, Maralene Araújo e. **Mídias na educação: uma proposta transformadora na utilização da TV e do Vídeo na prática docente pedagógica**. 2012. 64 f. Universidade Federal do Amapá. Monografia (Especialização em Educação). Disponível em: <<http://www2.unifap.br/midias/files/2016/04/M%C3%ADdias-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Maralene-Araujo.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

SILVEIRA, Fernando Lang da. **Sobre a forma da Terra**. Revista Física na Escola, v. 15, n. 2, 2017. Disponível em: <<http://www1.fisica.org.br/fne/phocadownload/Vol15-Num2/fine-low.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

SOARES, Magda Becker. **Letramento – um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLE, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Mônica Vaz de. **A influência das Mídias na Educação Infantil**. 2015. 40 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de especialização em Mídias na Educação. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação). Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/133848/000982062.pdf?sequence=1&iSAllowed=y>> Acesso: 10, jan. 2019.

SOUZA, Neiva Veiga. **A leitura na escola: como motivar nos educandos o prazer pela leitura?** 2009. 65 f. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/110422500/Monografia-Neiva-Veiga-Souza>> Acesso: 10, jan. 2019.

SOUZA, Maria da Conceição Araújo de. **Leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem**. 2014. 34 f. Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Técnico, Médio e Educação a Distância. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares). Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4848/1/PDF%20-%20%20Maria%20Da%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Ara%C3%BAjo%20De%20Sousa.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.

TORRES, Patrícia Maria. **Impactos do uso da tecnologia no desenvolvimento infantil**. 2016. Portal JEOnline. Disponível em:

<<https://jeonline.com.br/noticia/9309/impactos-do-uso-da-tecnologia-no-desenvolvimento-infantil>> Acesso: 10, jan. 2019.

VIGGIANO, Esdras; MATTOS, Cristiano. **O desempenho de estudantes no Enem 2010 em diferentes regiões brasileiras**. Revista Brasileira de Educação Pedagógica, Brasília, v. 94, n. 237, p. 417-438, mai./ago., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n237/a05v94n237.pdf>> Acesso: 10, jan. 2019.